

ETNOGRAFIA ⁽¹⁾

I

DEFINIÇÃO DE ETNOGRAFIA

SUMÁRIO:

Povo e Etnografia, de modo geral. — Destrinça de alguns dos assuntos da Etnografia: supervivencia e convergencia; phenomenos subalternos que acompanham a civilização propriamente dita; côr local adquirida pelo que vem de fóra; arte popular, literatura oral, sabença do vulgo; tradições, criações espontaneas, adaptações; linguagem; a gente em si; terra da patria. — Nomenclatura. — Etnografia portuguesa. — O que é povo português. — Passado e presente. — A Etnografia ramo da Etnologia.

Quem não confessará que das mutuas relações milenarias, existentes entre os individuos que formam os agrupamentos chamados *povos*, resulta adquirir cada um d'estes certa comunidade de costumes, de pensar, de sentir, de querer, e até de aspecto fisico (modo de andar, de gesticular, etc.), além da que nasce da igualdanza da fala, e da que pôde advir da comunidade de origem? Tal unidade outorga-lhe natural autonomia, o que contribue para que a mór parte das vezes não se confunda, á primeira vista, ainda abstraindo das diferenças idiomáticas, um Castelhana, por exemplo, ou um Francês, com um Português. Qualquer pessoa, ao entrar numa nação estranha, apesar de vizinha ou afim, ou da mesma linguagem, logo reconhece que passou a um ambiente que diverge do seu proprio: outra apparencia architectonica, outro trajar do vulgo, outra maneira de entabolar contactos sociais: *está*, sem dúvida alguma, *fóra de casa*! Bem pensava o autor do *Espelho de casados*, ao escrever a

(¹) Este artigo fórma os capitulos I e II da Introdução da *Etnografia Portuguesa*, que o autor está escrevendo.

fig. 38: «em um reino se guarda um costume, e em outro outro mui diferente».

Pertence a uma sciencia chamada Etnografia examinar o que é que dá indole e coesão a um povo, e o distingue de outro; o que nele é congenito e primitivo, ou que, com o tempo, e por appropriação do que lhe chegou de outro povo, se tornou tipico; os productos directos (imediatos) e indirectos (mediatos) da sua psique, espontaneos, ou assim julgados. Productos directos são, por exemplo, os especialmente intellectuais (poesia, mitologia, musica, etc.); indirectos são os restantes, porque todas as manifestações da actividade vital do homem, excepto as fisiologicas, dependem da psique: por exemplo, o cultivo de um hortejo, a preparação de umas papas, a feitura de um capote.

No comêço de uma sociedade as circumstancias fisicas ou naturais fazem que a vida, que d'aí se segue, appareça não só miseravel e simples, senão muito uniforme: não ha maior luxo, nem menor luxo; uns que sejam mais cultos ou mais crentes, e outros menos. Com o andar dos seculos altera-se tudo: melhora a habitação, o vestuario, a comida; desenvolve-se o comércio, regulado por um valor definido, a moeda; officinas grandiosas preparam optimos modos de transporte; literatura, arte, sciencia conferem ao espirito supremacia inaudita, pondo-o senhor e rei da Natureza; surgem instituições religiosas e politicas; a agricultura extrái do solo quanto ele pode gerar em beneficio do homem. Temos aqui vasta materia de que desenvolvidamente se ocupa a Historia da civilização, tomada esta ultima palavra em sentido corrente.

As mudanças não são porém de tal modo gerais, que não vejamos ainda ao pé de um palacio uma casota de pedras soltas, igual ás que o homem paleolitico devia por vezes construir; e enquanto no templo o sacerdote cristão entoa hinos a Jesus, as pobres raparigas da aldeia não consultem o cuco acêrca dos anos que hão-de viver solteiras. No palacio temos progresso, na casota reprodução automatica do passado; nos hinos religião, no cuco abusão, que do mesmo modo ascende ao passado, mas directamente.

Com phenomenos e coisas que se consideram expressão solene da vida civilizada coexistem pois phenomenos modestos, que represntam concepções ha muito sobrepujadas no conjunto das pessoas, pôsto que em parte ainda fixas no gôsto e alma popular (supervivencia), e coisas que, por dependerem

de circunstancias (economicas ou outras) analogas ás que vigoravam nos primeiros tempos, se assemelham (convergencia) ás coisas de então ⁽¹⁾. Tambem no campo mental, e na vida social propriamente dita, se observam fenomenos de convergencia, como no das coisas objectivas lembranças archeologicas. — Em todos os referidos casos nos achamos por assim dizer em contraste com a civilização dominante.

Os proprios fenomenos e coisas que constituem a civilização acompanham-se a cada passo de costumes, ora singelos, ora poeticos, a menção dos quais não cabe, por exemplo, numa historia das instituições politicas, num tratado de agromonia, num regulamento escolar, num corpo de legislação, sem contudo deixarem de dar á vida colectiva um tom, graciosidade ou feição que importa conhecer para melhor a apreciar. Estão em tal caso, entre muitissimos outros costumes que teremos occasião de observar no decorrer da presente obra, o arrancar um ramo de arvore na occasião de se tomar posse de um dominio rural, o fazer bafejar pelos bois a cesta das sementes que vão lançar-se á terra que eles rasgam com o arado, as *latadas* da academia de Coimbra, o lugubre cerimonial de um enforcamento. Com os costumes coincidem aspectos de edificios, v. g., o interior de um tribunal, em que está pintada num quadro a figura da Justiça, e fórmulas de coisas, v. g., de instrumentos penais.

Áquilo que se recebe de fóra imprime igualmente o tempo em regra um cunho, um verniz, que quasi o fazem ter por nacional, e entrar d'esse modo no plano de quem deseja conhecer os costumes da nação a que o objecto ou fenomeno

(1) A palavra *supervivencia*, designativa de restos do passado, que estão em contradição com a civilização geral da epoca em que ainda aparecem, foi introduzida na Etnografia por Tylor. Não corresponde exactamente a *superstição*. Vid. o mesmo autor, *La civilisat. primit.* (trad. do ingl.), t. II, cap. 3.º.

A palavra *convergencia* provém da historia natural. Por exemplo: um mosquito, um rouxinol, um moreço têm em comum poderem voar. Este caracter aproxima-os uns dos outros (*convergencia*), mas os animais diferem completamente entre si, porque o primeiro é um insecto, o segundo uma ave, o terceiro um mamifero. Tão notavel aparece o voo no moreço, que o povo numa adivinha chama *ave* a este animal.

importado ficaram pertencendo. Lembremo-nos, por exemplo, do chapéu e da liteira, vindos de França, como os nomes o provam, Quantas fórmulas e designações concomitantes não apresenta aquele? A quantas canções de variada inspiração e estilo não dá origem? E a liteira não fez parte integrante do aparato das nossas casas nobres, envaidecida com o brasão que a distinguia, e a chocalhada dos machos que a transportavam estimulados pelo constante praguejar do lteireiro? A ideia de *masquete*, propagada ainda ha pouco, e tambem de França, está, pelo afan com que algumas classes sociais lhe deram guarida, a encorporar-se na tormentosa babel das nossas superstições. Muitas outras cousas e ideias, que hoje se consideram pertença da civilização, pois se introduziram com ela, virão tambem um dia a tornar-se etnograficas. Com as palavras que se admitem de uma lingua estranha acontece freqüentemente adquirirem, de igual modo, fórmula nacional.

Se os productos intellectuais, no grau mais elevado, se reputam apanagio da civilização, e patrimonio de um povo, considerado na totalidade, nem por isso faltam á plebe, ás classes chamadas inferiores ou infimas, aos rudes camponios, aptidões que se manifestam em obras artisticas (arte rustica) e literarias (literatura oral), ora independentes da arte e literaturas cultas, ora resultantes de imitação e transformação d'estas. Aí se revela genio nacional, sobretudo na literatura poetico-lirica, que na essencia é evidentemente o mesmo que encontramos nos poetas. De sciencia é mais pobre o vulgo, e excepto a que lhe provém da secular experiencia das coisas e da sociedade, e da observação directa da Natureza, devemos, pela mór parte, considerá-la supervivencia, por exemplo, na Medicina, ou adaptação, por exemplo, nos adagios.

Na vida de um povo civilizado ha, portanto, duas ordens de phenomenos e de coisas que convem distinguir: a) os que constituem, por assim dizer, patrimonio da nação, que ou foram gerados espontanea ou quasi espontaneamente, antigos, tradicionais, caracteristicos, e conformes com o genio d'ele, ou que foram trazidos de fóra; b) e os que pertencem propriamente á civilização, importados mais ou menos recentemente de outros povos.

Todos os phenomenos modestos de que acima se falou, enraizados mais ou menos na tradição; e os que já o vulgo, já o não-vulgo, quando no modo de pensar e sentir se lhe compare, vão semelhantemente produzindo no transcurso das

idades, por prazer, por instinto, e contemplação, admiração e idealização do mundo que os cerca; todas as coisas simples, de feição obsoleta e outras que eles criam a pouco e pouco por motivos identicos aos que os levam a inovações na vida do espirito, e juntamente, por necessidade, condescendencia com a civilização e desejo de bem-estar (a seu modo): eis aí, destringidamente, outros tantos temas que, a par com indicações gerais a respeito do uso da linguagem, entram no campo da Etnografia, sciencia moderna no alvo e metodo, e muito velha no que respeita a colleccção de materiais. Falou-se agora da linguagem, porque com razão notou Gaspar Estação nas *Varias Antiquidades*, cap. 90, § 4, que por ela «entra a conversação, e por esta os costumes, as artes, e politica».

É claro, que á menção do que fica especificado se deve agregar a das qualidades fisicas e psiquicas, mais gerais, da gente em cuja alma os phenomenos se passam, ou a que as referidas cousas e actos pertencem, e outro-sim a da terra que á mesma gente serve de patria e moradia.

Relativamente a um povo primitivo, ou a um povo selvagem, de caracter primitivo, não existe differença entre Etnografia e os varios ramos da Historia. Tudo se unifica. A differença existe apenas relativamente a um povo civilizado.

A mór parte das vezes os AA. reservam a palavra *Etnografia* para com ella significarem o estudo de um povo primitivo, selvagem, ou de média civilização; ao que num povo civilizado pertence, conforme o que fica dito, á Etnografia chamam *tradições populares* e *Folklore* (sabença do povo, o que o povo sabe), e á respectiva sciencia *Volkskunde* (conhecimento do povo, apreciação do povo) e *Demopsicologia*. A palavra *Folklore* tambem se emprega em sentido teorico, e não só objectivo. *Volkskunde* tem sentido mais vasto que *Folklore*, porque abrange no seu ambito fórmas sociais, cousas materiais, etc., e é palavra sòmente adoptada em terras de lingua alemã. *Demopsicologia* usa-se pouco, e sobretudo na Italia a usou Pitré. Varios museus, denominados *etnograficos*, contêm de modo exclusivo objectos provindos de povos como os que ficam mencionados, e nenhuns da propria nação. Todavia os Italianos possuem em Roma um Museu di *Etnografia italiana*, e em Palermo um Museu *etnografico siciliano*, e pela *Etnografia italiana* trabalharam, ou trabalham, afincadamente, o já mencionado Pitré, Lória, Novati, Mochi, e outros muitos

(alguns d'elles hoje falecidos); existe igualmente uma Sociedade *di Etnografia Italiana*. Em 1917 publicaran Aranzadi y Hoyos uma *Etnografia, sus bases, sus métodos e aplicaciones a España*; e em San Sebastián ha um *Museu Vasco (Etnografico)* cujo Director (D. José Aguirre) dá a lume periodicamente um boletim com esse titulo. Apar de museus *etnograficos* ha-os de *Folklore*, por exemplo, um em Antuérpia, de caracter local, ou nacional, onde se colleccionam modelos de casas, mobiliario, trajos, etc., e ha-os de *Volkskunde*, por exemplo, um em Viena de Austria, e outro em Berlim, modestamente chamado «Sammlung (colecção) für Volkskunde», — classificado por provincias.

Julgo que *Folklore*, considerado objectiva ou teoricamente, deve sobretudo abranger materias de superstições, literatura (xácaras, canções, adivinhas, rimas infantis, ensalmos, contos, lendas), musica, folgança, jogos, festas, isto é, o que anda na voz e na prática do povo, e mais comummente se designa pela citada expressão de «tradições populares». Ao estudo do conjunto dos objectos materiais convem continuar a chamar *Ergologia*, ou *Tecnografia*, nomes já adoptados. Como entre as sciencias não podem de ordinario estabelecer-se distincções terminantes, acontece haver assuntos, por exemplos, jogos, que tanto pertencem ao *Folklore*, como á *Ergologia* (melhor seria dizer *Ergografia*).

*

De acôrdo com as ideias apresentadas até aqui, entende-se na presente obra por ETNOGRAFIA PORTUGUESA o estudo do povo português, no que toca ao mais saliente da sua personalidade fisica e psiquica, ás suas divisões, classes, tipos, e alteração numérica ao longo das idades; aos seus costumes de feição antiga e no conjunto característicos (¹), — dando-se á palavra *costumes* sentido bastante lato, pois, além das ideias que habitualmente se lhe ligam, compreendem-se neles especies economicas, estrutura social, etc. — ; ás suas tradições, quer orais (isto é, que andam na voz do vulgo, de geração em gera-

(¹) No conjunto caracteriscos, porque, avulsamente considerados, raros serão os costumes a que não se descubram paralelismos em povos estranhos. Esse descobrimento até foi uma das mais fecundas aquisições da sciencia moderna.

ção), quer objectivas (isto é, coisas tradicionais, por exemplo, uma fonte, uma aldeia, um cajado); ao seu *habitat*, encarado sob o aspecto natural e historico, tanto quanto baste para a nitida compreensão ou interpretação da vida tradicional (¹). Também, a modo de *parergon*, se ha-de tratar da origem do povo. — Melhor do que definições, falará o plano e execução da obra.

E o que é povo português?

Do sec. XI (criação do estado português: vid. Liv. 1, cap. 2, a) para cá, a ninguém faz duvida o que ele seja, porque os individuos que o formam estão ligados entre si pela historia, pelo territorio (com as oscilações indicadas no cit. Liv., caps. 2 e 3), por paridade de interesses, de ideal, de sentimentos (amor reciproco, da patria, da tradição, orgulho nacional, crenças religiosas), e por instituições politicas. Mas anteriormente ao sec. XI, quando é que pôde começar a falar-se de «Portugueses»?

Cingindo-nos á palavra designativa da região que occupam, sabemos que no sec. X aparece já várias vezes em documentos menção de *territorio portucalense* e *portugalense*, ora com referencia ao bispado do Porto, ora a um distrito civil (adiante no cit. Liv., cap. 2, a, se produzirão as provas).

Nos fins do sec. IX o Porto estava governado por um conde, juntamente com Tuy: *Ermenegildus Tudae et Portugale* Comes, na cronica de Sampiro, § 9. *Portugale* significa a cidade e a par o seu territorio, caso a palavra não se applique a todo o trato de terra que vai do Douro ao Minho, o que explicaria a interrupção geografica que o senhorio de Ermenegildo aparenta (um extremo nas margens d'aquelle rio, o outro nas d'este) (²). O supor Florez, *Espana Sagr.*, XIV, onde

(¹) Este ultimo assunto, na totalidade, pertence a uma sciencia chamada agora *Antropogeografia* (Ratzel, 1882, etc.). Tanto está relacionada a Antropogeografia com a Etnografia, que no regulamento do Congresso Internacional de Geografia anunciado para 1911 (Roma), as duas Sciencias se inscreveram juntas, no art. VII, § 4.º. Cf. ao mesmo tempo o que diz Van Gennep, *Religions, mœurs et légend.*, IV, 39, a respeito da *Géographie Humaine* de Brunhes.

(²) Falando do sec. XI, diz o A. das *Dissert. Chron.*, IV, pt. 1.ª, 27, que não repugna admitir que o governo do Porto e

a cronica se contém, que o lugar, a que pertence o trecho, fôra interpolado, não contradiz a existencia do Conde, porque ela se averigua por outros textos: vid. Monsenhor Ferreira, *Memorias do Porto*, I (1923), 98, nota. Documento ainda mais importante, no que toca á nomenclatura territorial, é uma doação á Sé de Lugo por D. Afonso II das Asturias, no ano de 841, a qual J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.*, IV, pt. 1.^a, p. 25, transcreve da *España Sagrada*, XI, 378, e onde se diz que, em vista da destruição em que se achava Braga, causada pelos Arabes, fique logo aquela igreja sendo metropole *totius Gallaeciae seu Portugalensis Provinciae*, isto é, de toda a Galiza e da Provincia Portugalense. Vid. tambem G. Barros, *Hist. da adm.*, t. V (inedito), tit. I, cap. 1.^o: divisão do territorio. J. P. Ribeiro, dando a *seu* o valor de «ou», julgou, por causa do absurdo resultante, que a parte que espacejei era uma nota marginal acrescentada ao documento posteriormente; mas no latim da idade-média *seu* valia muitas vezes «e» (Du Cange, s. v.). *Provincia Portugalensis* designa o territorio que tinha como capital o Porto.

Para além do sec. IX os documentos não nos dão, no ponto que nos importa, senão o nome da propria cidade do Porto: *Portocale*, *Portucale*, do sec. VII ao V: vid. *Arch. Port.*, XI, 332. Ora evocar estes seculos corresponde a evocar ainda a Lusitania, da qual tratei noutra obra. Por conseguinte, se pelo que toca ás palavras queremos estabelecer distinção entre um territorio chamado *Lusitania* e outro chamado *Portugal*, isto é, entre Lusitanos e Portugueses ou Portugalenses, devemos pô-la na transição do sec. VII para o IX, ou como quem dissesse: no sec. VIII. Então invadiram os Arabes a Peninsula, o que trouxe a toda ela abalo enorme, na geografia, nos costumes, na constituição antropologica: e dá-se assim a coincidência de a uma mudança de estado de coisas corresponder uma mudança de nome geografico.

Os laços que vinculavam os habitantes de cada territorio um tanto extenso estreitavam-se sem dúvida em face do inimigo e perigo impendentes: do que resultava que certa cons-

seu territorio se estendesse para o Norte e Nascente, e até compreendesse Braga, que não consta tivesse então governador particular. A minha hipotese tem, portanto, bom paralelo a que se arrime.

ciencia de solidariedade ligasse os habitantes do territorio designado pela palavra *Portugal*, e, do mesmo modo que os contrapunha aos Arabes, os contrapusesse tambem ás gentes asturiano-galecas, suas rivais, apesar das afinidades étnico-geograficas com a Galiza ⁽¹⁾.

Tal consciencia de solidariedade, desenvolvida de local em nacional, á medida que o territorio se alargava, e expressa por um idioma que a princípio era comum ás terras das duas margens do rio Minho, o *galaico-portugalense*, e depois adquiriu independencia brilhantissima, o *português*, tinha a apoiá-lo bom número de elementos de vida etnica, segundo se mostrará no decurso da presente obra: e bastantes d'eles ascendiam a eras muito remotas ⁽²⁾ — : elementos a que o estímulo marítimo, que com a conquista do Sul transformou a existen-

(1) As afinidades etnico-geograficas de que se fala no texto, e bem assim as tentativas feitas nos primeiros seculos da monarquia para a união da Galiza a Portugal, o que levou O. Martins a empregar na *Hist. de Portugal*, t. I, liv. 2.º, cap. I, várias vezes, a expressão « hegemonia de Portugal na Galiza », não deviam impedir que houvesse rivalidades. Ha-as sempre, maiores ou menores, entre povos vizinhos, sobretudo quando um d'eles (o galego), como aqui, se julgava superior ao outro. Para que produzir agora exemplos modernos, que nesta obra, a seu tempo, aparecerão em barda?

(2) Acêrca de alguns elementos que a civilização portuguesa deve á lusitana, vid., por exemplo:

— F. A. Coelho, in *Compte rendu* do Congresso de Antrop. e Arq. prehist. de Lisboa, de 1880, p. 438 segs.; e cf. do mesmo A., *Costumes e crenças*, etc., p. 4;

— G. Barros, *Hist. da administr.*, t. I, liv. 1.º, tit. 1, 2, 4; t. III, *passim*; t. IV, tit. 1, cap. 1;

— T. Braga, *O povo português*, t. I e II (1886);

— A. Sampaio, *As « villas » do N. de Portugal*, Porto 1903 (= *Estud. hist. e economicos*, Porto 1923, p. 3 segs.);

— Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania*, Porto 1924, p. 319 segs. e p. 371 segs.;

— J. L. de V.: *Relig.*, t. I, p. XXV-XXVII, t. II, pt. II, secção I, e t. III (Vestígios do Paganismo); *O Arch. Port.*, XXIV, 87 segs., e 274; *A figa*, Porto 1925, p. 89 segs.; *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pp. 320-329.

cia politica do Portugal antigo, deu depois nova fôrça e novo impulso.

O Conde D. Henrique e seu filho, quando lançaram as bases da nação portugueza, acharam por conseguinte outras condições para isso, além das que provinham do valor guerreiro dos barões que os acompanhavam.

Este povo heroico e glorioso, que se separou de Lião, que expulsou de cá os Mouros e em seguida os foi bater nas suas proprias terras, que descobriu mares, povoou ilhas, rasgou novo caminho para o Oriente, tornou mais conhecida a Africa, trouxe o Brasil ao convívio da civilização; este povo, que nos sec. XVI e XVII tanto enriqueceu a literatura historica, geografica e etnografica, fruto das longas viagens; que entusiasmou o mundo com uma epopeia, onde palpita o coração da patria, e que, oferecendo-nos revestido de fôrma classica um tema de inspiração nacional, se tornou acabado modelo de arte, como nenhuma outra nação moderna o produziu, do mesmo genero; este povo de tão variadas aptidões, que, ao mesmo tempo que traduz seus intimos arroubos no mais aceso lirismo, atravessa os ares em fragil avião, intrèpidamente, só levado do sonho de encontrar mais um instrumento de progresso: este povo, como melhor se explicará no Liv. II e III, teve todavia primordios singelos. Por isso a eminencia do apogeu mais sobressaiu depois, e esta pelo seu lado fará que se julgue sem acrimonia a decadencia actual, visto que um povo não pôde manter-se sempre grande.

Na expressão *Etnografica Portuguesa* está compreendido o Continente português, e as Ilhas adjacentes. A respeito das últimas não pôde o autor relatar tantos factos como seria mister, e como ele desejaria. Fica de fóra, por falta de informações, o elemento português das colonias antigas e modernas, senão absolutamente, ao menos como regra. — O Brasil fôrma hoje nação independente, e o autor não tem de se ocupar d'ele, embora o estudo da parte portugueza das suas tradições seja natural e apreciavel complemento das nossas.

A *Etnografia Portuguesa* refere-se principalmente aos tempos modernos; todavia, a par com factos actuais, e como antecedentes logicos dos mesmos, mencionar-se-hão nela, tanto quanto o autor for capaz de isso, factos antigos, da idade-média em diante: a obra fôrma, pois, em certa medida, continuação da que se intitula *Religiões da Lusitania*, pois

que começará no sec. VIII, quando, segundo vimos, acabou a Lusitania historica, e como que já surge Portugal.

*

Considerada em geral, a *Etnografia*, que póde ser puramente descritiva, ou comparativo-genetica, e póde applicar-se a um periodo determinado ou a um conjunto de periodos, desde a antiguidade, faz parte de uma sciencia mais vasta, a *Etnologia*, que se ocupa do que já fica attribuido áquella, e além d'isso das origens e da razão de ser de um povo, das leis a que obedece o seu desenvolvimento colectivo. Ao exame das origens de um povo, baseado em elementos ministrados pela Antropologia, sciencia que estuda o homem como ente natural, e as raças humanas (ramo, portanto, das sciencias naturais), e pela Historia, pela Glotologia, etc., consagra-se particularmente a *Etnogenia*.

Aparece-nos assim o quadro seguinte:

ETNOLOGIA:

I. — *Etnogenia*.

II. — *Etnografia*: $\left\{ \begin{array}{l} a) \text{ territorio e povo,} \\ b) \text{ Folklore,} \\ c) \text{ Ergografia.} \end{array} \right.$

Aquilo, que a respeito de certo periodo é etnografico, torna-se em parte archeologico, tratando-se de um periodo posterior. Por isso a Etnografia, applicada ao passado, fica sendo nesse caso Archeologia,

III. — *Etnologia geral*.

A noção ligada á palavra *Etnologia* não apresenta nos AA. menos incerteza que a que se liga a *Etnografia*.

Os Alemães usam uma palavra cómoda para significarem de modo geral o estudo dos povos: *Völkerkunde*, a qual se traduzirá por «Etnologia» ou «Etnografia». Mas eles proprios dividem a *Völkerkunde* em: 1) *Etnografia* ou *Völkerkunde* descritiva, e 2) *Etnologia* ou *Völkerkunde* comparativa e geral: vid. M. Haberlandt, *Völkerkunde* (Göschel), I, 10-11, e Heilborn, *Allgemeine Völkerkunde* (Aus Natur und



Geisteswelt), I, 10. Por outro lado, K. Knortz, *Was ist Volkskunde?*, Jena 1906, p. 3-4, estabelece que o domínio em que se estende a *Volkskunde* se reparte triplamente: 1) Antropologia, 2) Arqueologia, 3) Etnologia, que se ocupa do homem como criatura social, isto é, com suas leis, artes, concepções religiosas, linguas e memórias históricas; ao ramo da Etnologia, que trata especialmente das canções, jogos, festas, contos, lendas, linguas e usos de um povo, chama *Folklore* (á inglesa). W. Foy, na introdução á *Methode der Ethnologie*, de Graebner, Heidelberg 1911, p. ix e nota 2, chama *História da civilização*, em sentido restrito, á europeia e á dos povos que na antiguidade estiveram em relação com o Sul da Europa, e *Etnologia* á história da civilização dos restantes povos extraeuropeus. Em Berlim ha um rico «Museum für Völkerkunde», onde está representada a Prehistória, e bem assim a Etnografia, no sentido da Etnologia de Foy; a Etnografia nacional pertence á já acima mencionada «Sammlung für deutsche Volkskunde».

Numa excelente obra intitulada *Illustrierte Völkerkunde*, colaborada por varios AA. e dirigida por Buschan (Estugarda, 3 vol., nova edição, 1922-1926), dá-se igualmente á Etnologia o nome de *Völkerkunde* comparativa, que se define: sciencia que se ocupa do homem psíquico e social: vol. I, p. 1. A obra é muito complexiva, alcança todos os modernos povos do globo, e ainda por vezes se refere a povos e tempos antigos. No volume II-2, correspondente á Europa e territorios que a rodeiam, importa-nos particularmente o § consagrado á «População da Península pirenaica» (d'entre todas as civilizações románicas é ella que de certo possui maior cunho e antiguidade; considerações antropogeográficas; lance de olhos a todas as esferas da vida colectiva: habitação, agricultura, industria, trajo, religião, costumes, etc., aqui e além com indicações da origem), e a secção que trata da «Civilização popular da Europa, na sua evolução histórica» (economia rural, habitação, industria, arte, vida social, concepções filosóficas, etc.). O que fica dito mostra um pouco o caracter da obra.

*

Entre nós, já em 1880, em que se realizou em Lisboa a 9.ª sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia pre-históricas, se procurou, num opusculo intitulado *Anthropologia* e assinado por E. D., definir não só Antropologia, senão tam-

bem Etnografia e Etnologia, segundo as ideias de Topinard (*L'Anthropologie*). Depois trataram do assunto, mais ou menos *ex professo*, Oliveira Martins na *Anthropologia* (1.^a ed., 1880, 2.^a ed., 1881), e *As raças humanas e a civilização primitiva* (2 vols., 1.^a ed., 1881; sirvo-me da 3.^a, 1905), e Adolfo Coelho numa critica feita aos dois ultimos trabalhos (no *Jornal do Commercio* em 1882: n.^{os} 8476, 86, 99, 8511, 27), e noutros escritos que vão citar-se. Oliveira Martins, tanto nas obras mencionadas, como na resposta que deu a Coelho, no mesmo *Jornal*, reproduzida nas *Raças humanas*, II, emprega as expressões *Etnografia* (I, 75, 84, e *passim*; II, 272), *Etnologia* (II, 269-271), *Etnogenia* (I, 75, 84), em acepções gerais, correspondentes á fôrma que as palavras apresentam.

O mais importante provém de Adolfo Coelho. Na *Rev. de scienc. natur. e soc.*, I (1889), 49 sgs., chama *Etnica* á sciencia que estuda os povos, e divide-a em: I) *Etnografia* (descritiva); II) *Etnogenia* (origem e parentesco); III) *Etnologia* «ou estudo geral das condições de formação e desenvolvimento dos povos, das variações do caracter ethnico sob a influencia de acções naturais ou sociais, dos diversos tipos de sociedade que os povos nos apresentam, dos diversos elementos de vida social» (pp. 51-52). Do que diz de Etnografia não resalta bem nitido se se refere a todos os povos, ou apenas, no sentido usual, aos extra-europeus. Noutro seu estudo, publicado pela Sociedade de Geografia de Lisboa em 1890, como preparatorio de uma exposição etnografica que não chegou a realizar-se, subordina porém claramente o povo português á ideia de Etnografia, pois o estudo até se intitula *Exposição etnografica portuguesa*. Esta exposição compreenderia «sobretudo objectos materiais, proprios para dar ideia da vida do povo português (Portugal e Ilhas adjacentes) no que ele tem de proprio, de caracteristico e tradicional, embora resultado de assimilações realizadas ha mais ou menos tempo» (p. 11). No programa exposto a p. 12 segs., traça o autor não só o que, como fica declarado, pertence á Etnografia objectiva, senão tambem tudo o mais que é assunto etnografico. Eis o sumário: I, a terra; II, o homem; III, a historia (origens ethnicas influencias externas, factos historicos reveladores do caracter do povo português); IV, a vida hodierna.

O que se extratou de Adolfo Coelho não é, nem podia ser, inteiramente original, porque muito se havia escrito lá fóra antes d'ele, acêrca da materia, e ele proprio cita algu-

mas obras fundamentais ⁽¹⁾; é, sem embargo, no conjunto, bastante metódico. Ao mesmo tempo se vê d'esse extracto quais os pontos em que me aproximo ou afasto do Mestre. Onde o Mestre põe *Etnica*, ponho eu *Etnologia*, e ao que chama simplesmente *Etnologia*, chamo aqui *Etnologia geral*. A ideia de relacionar elegantemente, em um título, o *homem* e a *terra* ascende já, pelo menos, a A. Maury, *La terre et l'homme* (3.^a ed., 1869). Nos pormenores, que por brevidade não especifiquei, mas que constam da *Exposição etnografica*, ver-se-ha adiante que divirjo completamente de Adolfo Coelho.

*

A obra que vem agora a público é propriamente de Etnografia descritiva (vid. o quadro de p. 270); o autor só invadirá um pouco o terreno da Etnogenia, quando falar da origem do povo português, e o da Etnologia geral, na conclusão da obra, etc. Quanto ao campo da Etnografia comparativo-genética, só por incidente lá entrará, o que não significa que na indicação dos phenomenos etnograficos é dos objectos materiais não siga, quanto lhe fôr possível, a ordem histórica, evolutiva, ou ideologica do seu aparecimento. Para se escrever da génese de cada elemento ou grupo de elementos da vida tradicional portuguesa falta ainda muito. Por si, o autor tentou alguma coisa d'isso nas *Canções do berço* (1907), no *Signum Salomonis* (1918), nos *Ex-libris tradicionais* (1918), na *Barba em Portugal* (1925), na *Figa* (1925), e em curtas notas ou artigos, que não importa especificar.

EXCURSOS.

1. As palavras *uso* e *costume*, e expressões conexas.

Uso vem do lat. *usus*, de *utor*, e significa acção de se servir alguém de uma coisa, praticar uma acção. «O uso de cabeleira e cara rapada no sec. XVIII», por exemplo.

Costume, do lat. *consuetudo*, significa uso repetido, tradicional. «O uso do calção tornou-se *costume* em certas classes, por exemplo, nos Campinos».

⁽¹⁾ Da historia da *Völkerkunde* falou sumariamente M. Haberlandt, I, 11; e Lasch em Burchan, I, 3, sgs.

Será esta a diferença, mas na prática as duas palavras confundem-se muitas vezes, embora se ponham a par: *uso e costume* (na Beira dizem: *é úsio costume*, por: *é (o) uso e o costume*).

No plural *costumes*, «correspondendo ao latim *mores*, indica particularmente actos moraes do homem ou das nações, que frequentemente se praticão, e que varião segundo os tempos e os lugares». (Roquete & Fonseca, *Dicc. dos synonymos* etc., Paris 1871, p. 366).

Usança deriva de *usar*: acção de usar. «*Cada tempo sua USANÇA*», diz Gil Vicente, I, 257. O sufixo *-ança* adquiriu depois certo character pejorativo e degenerativo: *andança*, *festança*, *papança*; «a *mestrança* cá de Lisboa», conjunto dos melhores medicos: mas por graça. — *Usança* será um uso pouco firme, gasto, degenerado.

Costumeira, palavra formada de *costume*, talvez na origem adjectivo (coisa ou acção *costumeira*, consuetudinaria): de costume; que costuma fazer-se ou acontecer) tem quasi a mesma significação de *usança*. O *Grande Dicionario* define-a: costume, costumagem, em sentido pejorativo; o *Novo Dicionario*: costume de pouca importancia.

Na idade-média, dava-se o nome de *costume* ao direito consuetudinario local: *costume he, e des hi he dereyto* («e por isso é direito»), nas *Leges et consuet.*, p. 300, n.º 192, p. 301, n.º 194. Cf.: Herculano, *Casamento civil*, Lisboa 1866, pp. 32-33; G. Barros, I, 33. Ainda hoje dizemos: *costume faz lei*. Temos, como se dirá adiante, várias compilações de *costumes medievais*, chamadas assim mesmo: vid. algumas notíci-
as em G. Barros, *ibidem*. O *Elucidario*, s. v. «*custume afor-telezado*, traz: «tal he o que se funda no direito, razão, e consentimento geral do povo, ou nação. E os costumes d'esta qualidade se chamam *costumes louvados*», e remete o leitor para as *Orden. afonsinas*, liv. II, tit. 1.º, art. 40, e tit. 2.º, art. 10. — *Costumeiro* «collecção de costumes ou artigos que formam o direito particular, não promulgado por lei, d'um paiz, d'uma jurisdicção» (*Grande Dicionario*); livro dos costumes de uma frèguesia (direitos do pároco, procissões que devem fazer-se, etc.), por exemplo *Costumeiro dos vigarios e freguesia de Mire*, 1755 (concelho de Braga), manuscrito. *Costumeiro* é tambem nos Jesuitas uma especie de regulamento, ou *regra* semelhante á dos conventos (horario, actos da comunidade, serviços da igreja, festas, ladainhas, novenas, exerci-

cios espirituais, refeitório, etc.): existe no Museu Etnológico um exemplar do *Costumeiro da provincia de Portugal*, que pertenceu ao Collegio de Campolide, e tem a data de 1901. *Costumeiro* é que é sem dúvida adjectivo na origem: «livro costumeiro».

Costumagem já acima foi indicado como sinonimo de costumeira: vem em Gil Vicente, I, 236, onde o *Grande Dictionario* o colheu. De outra acepção (tributo, etc.) tratou o P.^o Viterbo, *Elucidario*, s. v. «custumagem ou costumagem».

2. De quando começaram a usar-se entre nós as expressões *Etnografia* e *Folk-Lore*.

A palavra *Etnografia*, derivada de *ἔθνος* «raça», «povo», etc., parece que começou a usar-se lá fóra pelos fins do sec. XVIII: vid. Kaindl, *Die Folkskunde*, Leipzig 1903, p. 13; e *Atti del primo Congresso di Etnogr. Ital.*, Perugia 1912, p. 205. Em Portugal encontra-se pela primeira vez, que o autor saiba, em 1815, num artigo do Visconde da Lapa, Manuel de Almeida, sobre *Statistica*, publicado nas *Memor. econom. da Academia das Sc.*, v, 159, como estudo do que seja a raça dos homens de uma nação, e a sua origem. Depois aparece sucessivamente, em 1831 na 4.^a ed. do *Dicc. da Ling. port.* de Moraes, feita por Oliveira Velho («arte de pintar os costumes das nações»: a definição é do editor); em 1844 no *Panorama*, num artigo de A. Herculano (já na fôrma de adjectivo, pois o artigo intitula-se «Reflexões *ethnographicas*, philologicas e historicas» etc., já como substantivo, p. 393; o autor cita a p. 392 o *Atlas ethnographique* de Balbi, 1826); em 1853 na *Resenha da litterat. portug.* de Silvestre Ribeiro («sciencia que tem por fim a classificação dos povos»). E sucessivamente, em dictionarios e outras obras, até o presente. No *Grande Dictionario*, dado a lume com o nome de Fr. Domingos Vieira, t. III (1873), até está a par de *Etnologia*, *Etnogenia* (e *Etnogenealogia*), por inspiração, certamente, de F. Adolfo Coelho, que no *Dictionario* colaborou. — O adjectivo *etnico* é mais antigo: ascende, pelo menos, ao sec. XVII: num texto do P.^o Fernão de Queiroz, de 1689, citado por Bluteau, *Vocabulário*, s. v., porém no sentido de «pagão», «gentio», que é o do lat. *ethnicus*. Também Bernardes o empregou no mesmo sentido, na *Nova Floresta*, II (1708), 102: *poeta ethnico*.

A expressão inglesa *Folk-Lore*, às vezes transcrita *Folklore* (uma só palavra) nas nações romanicas, foi introduzida na sciencia em 1846 por proposta de Thoms no *Athenäum* de 22 de Agosto: vid. *Zs. des Vereins f. Volkskunde*, I, 1. Tornada internacional, temo-la em Portugal a primeira vez, como creio, num artigo de Consiglieri Pedroso sôbre «Mitografia portugueza» no *Positivismo*, 1880, p. 438, nota 1, e ganhou terreno d'aí em diante; alguns chegam a grafá-la *Folclore*; no *Seculo* de 11-1-928 alguém escreveu *Folquelore*! O *Novo Dicc.* de C. de Figueiredo arquivou-a na mencionada fôrma *Folclore*, com o derivado *folclorista*.

II

DIVISÃO DA ETNOGRAFIA PORTUGUESA

Existem muitas e variadas classificações etnograficas, todas mais ou menos insuficientes. Confessa o autor da presente obra que examinou dezenas d'elas, respeitantes a povos europeus e extra-europeus, a idades antigas e modernas ⁽¹⁾, e que tambem da sua parte esboçou algumas, que depois destruiu, descontente d'elas: pelo que se lhe afigura ardua ou impossivel tarefa tentar oferecer aos leitores uma classificação que definitivamente lhe agrade, e o subtráia á censura dos outros; e resolveu que, com tanto que publique inteira a enorme quantidade de materiais que reuniu, e o faça com um pouco de metodo, posto que criticavel, a austera rigidez da classificação não deveria continuar a preocupá-lo.

Da definição de *Etnografia* (vid. supra, cap. I) resulta que, sendo os phenomenos etnograficos produto da actividade social, e dependendo eles grandemente da geografia fisica, importa começar por se falar d'esta. Como porém o homem, de posse da terra, a reparte consoante as circunstancias naturais e as necessidades colectivas, e vai a pouco e pouco denominando os repartimentos, far-se-ha seguidamente ao estudo da geografia fisica uma sumária exposição de geografia poli-

(1) Para não acumular erudição ociosa, não se fazem citações, nem se discutem os planos das obras.